

PORTUGAL  
**ATLAS DO AMBIENTE**

NOTÍCIA EXPLICATIVA  
**II.6**

**CARTA DA DISTRIBUIÇÃO  
DE  
FIGUEIRA E MEDRONHEIRO**

Elaborada por **José Gomes Pedro**  
Engenheiro-Agrónomo

MINISTÉRIO DO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS  
DIRECÇÃO-GERAL DO AMBIENTE  
LISBOA - 1994

Título	<b>CARTA DA DISTRIBUIÇÃO DE FIGUEIRA E MEDRONHEIRO - Notícia Explicativa</b>
Autoria	José Gomes Pedro
Edição	<b>DIRECÇÃO-GERAL DO AMBIENTE Direcção de Serviços de Informação e Acreditação</b>
Tiragem	3 000 exemplares
ISBN	972-9392-37-4 (col.) 972-9392-39-0
Impressão	QUALIGRAFE, LDA.
Depósito legal	78601/94
Data de edição	Dezembro de 1994

## ÍNDICE

Resumo .....	4
Summary .....	5
Résumé .....	6
Introdução .....	7
Caracterização botânica .....	7
Informação utilizada.....	12
Método de representação .....	13
Descrição da Carta .....	15
Figueira .....	15
Medronheiro .....	23
Interesse da Carta .....	27
Referências bibliográficas .....	38

## Resumo

A Carta da Distribuição de Figueira e Medronheiro, Carta II.6 do Atlas do Ambiente, na escala 1:1 000 000, baseou-se na “Carta Preparação” da Carta Agrícola e Florestal, na escala 1:250 000, elaborada pelo Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (designado até há pouco por Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, e, mais recentemente, Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural).

Definem-se os critérios adoptados na representação das diversas ocorrências das referidas espécies, nomeadamente povoamentos arbóreos ou arbustivos estremos, mistos (dominantes ou dominados) e dispersos.

As duas espécies *Ficus carica* e *Arbutus unedo* são caracterizadas morfológicamente, de forma abreviada, referindo-se para a primeira o acentuado polimorfismo das suas variedades e cultivares.

Trata-se, a primeira, de duas variedades var. *caprificus* - baforeira e var. *sativa* - figueira mansa, respectivamente subespontânea e cultivada, originária da Ásia meridional e, a segunda, de uma espécie nativa mediterrâneo-atlântica.

Indica-se a respectiva distribuição corológica no País, fazendo-se menção das cultivares mais comuns da figueira e, para o medronheiro, das unidades fitossociológicas de que faz parte desde os sobreirais (*Sanguisorbo-Quercetum suberis*) e os medronhais (*Arbutus-Cistaceum populifolii*) do Sul até aos carvalhais (*Rusceto-Quercetum roboris*) do Norte, passando pelos carvalhais (*Arisaro-Quercetum broteroi*) e (*Arbutus-Quercetum pyrenaicae*) e os medronhais (*Phillyreo-Arbutetum unedonis*) do Centro.

Indica-se, para ambas as espécies, o significado bioecológico dos seus povoamentos, quer naturais quer culturais, o interesse económico dos seus produtos, o figo e o medronho, dos seus derivados, bem como os usos, artesanais ou medicinais, das suas partes e, finalmente, das características que imprimem à paisagem e do seu papel na conservação da natureza.

## Summary

*The Fig and Strawberry Trees Distribution Chart is based on elements collected from the “Preparation Chart” for the Agricultural and Forestry Chart, in the scale 1:250 000, worked out by the Agrarian Survey and Land Use Planning Service (SROA).*

*The criteria followed for this chart are defined, the various occurrences of the two species being represented, namely the pure groves, the mixed (dominant or dominated), and the scattered ones.*

*The **Ficus carica** and the **Arbutus unedo** are morphologically characterized, references being made to the polymorphism shown by the former’s cultivars.*

*As one deals with a cultivated species - the Fig tree - introduced in Portugal long time ago and frequently naturalized, its chorological distribution in the country is shown together with some information on ecological and orographic features; the latter a native one equally dealt with but taking into consideration its phytosociological framing; it occurs in the cork-oak woodlands (**Sanguisorbo-Quercetum suberis**) and the strawberry-tree dominated scrub (**Arbuto-Cistetum populifolii**) from the South to the roble-oak-woodlands (**Rusceto-Quercetum roboris**) of the North, through out the oak-woodlands (**Arisaro-Quercetum broteroi** and **Arbuto-Quercetum pyrenaicae**) and strawberry dominated scrub (**Phillyreo-Arbutetum unedonis**) of the Centre.*

*For both species and some of the fig cultivars are acknowledged their economic values, especially the figs and the strawberries and their byproducts; and also reference is made to the use of some parts in popular craftsmanship and medicine.*

*Well known were the characteristic landscapes of the massive fig groves in Algarve province and the contribution of the strawberry-trees scrub to the conservation of the soil, now under so intense and ever increasing threat.*

## Résumé

*La Carte de Distribution du Figueier et de l'Arbousier, Carte II.6 de l'Atlas de l'Environnement, a été élaborée à partir des éléments de la "Carte Préparation" de la Carte Agricole et Forestière, au 1:250 000<sup>e</sup>, élaborée par le Service de Reconnaissance et d'Aménagement Agraire (SROA).*

*On établit ici la définition des critères adoptés visant la représentation de plusieurs formations de ces espèces notamment les peuplements purs, mixtes (dominants ou dominés) ou éparpillés.*

*On trouve la caractérisation morphologique succincte des espèces **Ficus carica** et **Arbutus unedo**. On fait référence au polymorphisme accentué de la première, dans laquelle on peut distinguer plusieurs variétés culturelles.*

*La première, avec deux variétés (var. **caprificus** - "baforeira" et var. **sativa** - "figuier cultivé") respectivement sous-spontanée et originaire de l'Asie méridionale, et cultivé et la seconde d'origine méditerranée-atlantique.*

*On fait référence à la distribution des variétés du figuier. On mentionne aussi les unités phytosociologiques de lesquelles l'arbousier fait partie: les associations de chênes-lièges **Sanguisorbo-Quercetum suberis** du sud, les associations **Arbutocistetum populifolii** et **Phillyreo-Arbutetum unedonis**, respectivement au sud et au centre; les associations des chênes **Rusceto-Quercetum roboris** (au nord) ainsi que les associations **Arisaro-Quercetum broteroi** et **Arbutocistetum pyrenaicae** (au centre).*

*On donne aussi des informations plus détaillées concernant les aspects écologiques, orographiques, bioclimatiques et édaphiques.*

*Enfin, on souligne l'intérêt économique, naturel et culturel des produits, et on mentionne l'importance de ces arbres, soit sous le point de vue du paysage rural, auquel ils donnent un aspect caractéristique, soit en ce qui concerne le maintien de l'équilibre environnemental.*

## Introdução

A Carta de Distribuição de Figueira e Medronheiro, Carta II.6 do Atlas do Ambiente, na escala de 1:1 000 000, impressa em 1979, trata da distribuição das espécies arbóreo-arbustivas de grande interesse natural, paisagístico e económico.

A figueira apresenta-se, quando adulta, como uma árvore caducifólia de porte mediano, e o medronheiro, como um arbusto sempreverde que só raramente atinge o porte arbóreo mediano.

A figueira (*Ficus carica* L.) pertence à família das Moráceas, subfamília das Artocarpoídeas; o medronheiro (*Arbutus unedo* L.) é uma das 15 espécies do género que pertence à família das Ericáceas, subfamília das Arbutoídeas.

## Caracterização botânica

### Figueira

Brotero (1804) descreve a figueira como árvore com folhas trilobadas, escábridas na página inferior e de fruto glabro, turbinado, umbilicado. Planta porventura asiática, mas bastante vulgar na Lusitânia; espontânea nos muros, torres, rochedos, sebes.

“Tem igualmente numerosas variedades, cultivadas mais no Algarve, entre as quais a *Caprificus*, em português *Baforeira* ou *Figueira de tocar*, para a caprificação.

Le Maout & Decaisne (1870) descrevem o fruto da figueira como um receptáculo comum oco, piriforme, carnudo, aberto no ápice, munido na base de bractéolas escamiformes, fechado no seu orifício por pequenas escamas e encerrando na cavidade as flores masculinas em cima e as femininas em baixo...” “Utrículos membranosos formando com o receptáculo suculento que os encerra, o fruto chamado *figo*”.

Coutinho (1939) descreve a figueira como “árvore de medíocre altura, às vezes com grande copa ou arbusto de folhas pecioladas, grossas, pubescente-ásperas, cordiformes, trisepem-lobadas ou subinteiras, sinuado-dentadas; sícones (*figos*) solitários

ou geminados na axila das folhas dos rebentos, grandes, verde-amarelados ou violáceos desenvolvidos no mesmo ciclo vegetativo da sua formação (*figos vindimos* ou *ordinários*) ou que passam o inverno em estado muito rudimentar para só se desenvolverem no ciclo vegetativo seguinte (*figos lampos*).

Considera duas formas botânicas distintas, a forma *silvestris*, *Baforeira*, *Figueira de tocar*, de sícones com flores masculinas e femininas, secos e sensibórios, não comestíveis, e a forma *sativa* - *Figueira mansa*, de sícones só com flores femininas, carnudos, doces, comestíveis.

A primeira forma é subespontânea nas fendas dos rochedos e muros velhos e também cultivada e a segunda tem variações culturais e é cultivada em todo o país.

Wettstein (1944) descreveu: “*Ficus carica*, a figueira, indígena da região mediterrânea, muito cultivada aí, assim como nos países de clima temperado, produz os figos. A parte comestível é o eixo carnudo da inflorescência. A biologia floral da figueira é muito complicada e não está ainda de todo esclarecida. A polinização realiza-a um himenóptero galígeno (*Blastophaga*), que deposita os ovos nas flores femininas ao mesmo tempo que transporta o pólen até ali. As flores femininas são dímorfas: há-as com estilete curto e sem papilas estigmáticas, nas quais o insecto deposita os ovos (flores galígenas); estas predominam nas inflorescências da baforeira. E há-as com estiletos normais, as quais são fecundadas (flores seminíferas). Da planta silvestre podem derivar-se duas raças cultivadas: uma delas quasi puramente masculina, a var. *caprificus*; e outra, feminina, a var. *domestica*. Geralmente só a segunda dessas raças produz inflorescências comestíveis. Tanto a figueira silvestre como as raças cultivadas dão, em cada ano, três gerações de inflorescências com os seus respectivos nomes vulgares, assim como as suas relações com o himenóptero galígeno. Os figos comestíveis são com frequência só os da segunda geração de inflorescências da var. *domestica*. Segundo Tischler, existe partenocarpia<sup>(\*)</sup> em diversas variedades.

---

(\*) - Formação do fruto sem fecundação prévia e sem produção de semente.



Sampaio (1946) descreveu a figueira (*Ficus carica* L.) como árvore de suco leitoso, com folhas ásperas e lobadas, flores contidas num receptáculo (*figo*)<sup>(\*)</sup> mais ou menos carnosos; as masculinas situadas só na parte superior ”e tendo duas variedades botânicas - var. **caprificus** (Ris.) - *Figueira-brava*, de figos não suculentos: os de maturação estival com flores dos dois sexos, as femininas estéreis, os de maturação outonal só com flores femininas e aquênios férteis” e - var. **sativa** (Gaertn.) “de figos carnosos, suculentos e comestíveis na maturação; flores todas femininas e aquênios estéreis. Cultivada em todo o País”.

Tutin (1964) informa: “Extensivamente cultivada e largamente naturalizada no sul da Europa; talvez indígena das partes meridionais da Península Ibérica, Itália, Península dos Balcans e URSS. Existem muitas cultivares e a planta selvagem (var. *caprificus* Risso) também apresenta uma variabilidade considerável. Os sincarpós são comidos tanto em fresco como secos”.

Polunin *et al.* (1967) esclarecem: “Em cultura a figueira não tem flores masculinas e os frutos amadurecem partenogeneticamente, mas, em certas partes do Mediterrâneo, os ramos da figueira brava, com flores masculinas, são pendurados nos figueirais. Um insecto polinizador - *Blastophaga grossorum* - voa dos figos bravos e entra nos frutos cultivados femininos para depositar os seus ovos; assim é feita a polinização do que resulta a mais rápida maturação dos frutos.

Franco (1971) descreve-a como “Árvore ou arbusto caducifólio de copa arredondada ou irregular, reduzido a um arbusto prostrado de ramos longamente rastejantes nos locais ventosos; ritidoma cinzento-esbranquiçado, liso, raminhos grossos, oliváceos, glabros, folhas com 10-20 cm, palmatilobadas, ásperas na página superior e esparsamente híspidas na inferior. Sícone (figo) com 5-8 cm, periforme ou globoso, verde ou violáceo. Cultivada pelo figo e subespontânea, sobretudo nas regiões secas e quentes (Sul da Ásia).

Leotte (1901) afirma: “As diversas castas de figueiras que conhecemos não

---

(\*) - “Laguna (1570) diria que a figueira dava fruto sem produzir a flor”. Este erro perdurou muito tempo a ponto de Lineu (1737) chegar a considerar esta árvore como uma criptogâmica” (Font-Quer, 1980).

transmitem por hereditariedade os predicados que as distinguem; não teem, portanto, a necessária fixidez para constituírem variedades botânicas: são simples formas ou variações do typo específico *Ficus carica*”.

Apresenta, de seguida, um quadro com quinze cultivares da predilecção do lavrador algarvio: *bêbera*, *belmandil*, *burjassote branca*, *burjassote preta*, *cachopo*, *carvalhal*, *cótia*, *da ponte*, *encharia branca*, *encharia preta*, *lampa branca*, *lampa preta*, *S. Luiz*, *verdeal* e *urjal*, que se distinguem pelas formas e indumento das folhas, dos frutos e pelo tipo de floração e época de frutificação.

Fonseca (1930) apresentou também um quadro das cultivares da figueira mansa para a Região Duriense divididas por três grupos: *Comum* ou *Adriático*, *Smyrna* e *S. Pedro*, acrescentando à lista anterior, no Grupo Adriático, as seguintes cultivares: *Algarve*, *Dois ao Prato* e *Sogenha* (entre as pretas); *Branca vulgar do Douro*, *Chateau de Kennedy*, *Marques Loureiro*, *Panaché* e *Pingo de mel* (entre as brancas). O mesmo autor filia no grupo *Smyrna* as cultivares *Bêbera*, *Belmandil* e as *Encharias*.

Bobone (1932) apresentou, em estudo taxonómico, 27 cultivares da figueira mansa, acrescentando às listas anteriores as seguintes: *Bacorinho*, *Badalhouce*, *Carigo*, *Castanhal*, *Dois à folha*, *Pardo*, *Passanudo*, *Pedral*, *Rebanguio*, *Rei* e *Três em prato*, além de diversos sinónimos para as cultivares atrás mencionadas, com descrições pormenorizadas das respectivas infrutescências.

Leão de Castro (1983) refere, para a Região de Torres Novas, as cultivares *Lanjal* e *Preta*, do grupo Adriático, como as predominantes (80%) e *Brinco*, *Corigo*, *Lopinho*, *Milheira*, *Moscatel*, *Orjal*, *Paraíso*, *Paraíso-Branco*, *Pedral*, *Reis Restevo*, *Verdeal*, etc. a constituir as restantes (20%).

## Medronheiro

Brotero (1804) referia-se ao medronheiro (*Arbutus unedo* L.) como planta de: “caule arbóreo, folhas glabras, serradas; cachos terminais; baga com báculos polispérmicos”. Medronheiro ou Ervedo. “Em lugares montanhosos bravios, principalmente no norte de Portugal.” ... “Árvore que quando velha excede no Gerez 9 m de altura”.

Sampaio (1913) considera-o “Planta lenhosa, sempreverde, de folhas coriáceas e

glabras; flores de corola gomilosa, avermelhada ou branco-esverdeada; frutos vermelhos. De Norte a Sul. *Medronheiro*; *Ervedeiro*; *Ervedo*.

Coutinho (1939) descreve-o como: “Arbusto ou pequena árvore (até 6-8 m); folhas majúsculas, obovado-lanceoladas, com pecíolo curto, coriáceas, glabras, lustrosas e verde-escuras na página superior, mais pálidas na inferior, serrilhadas ou subinteiras. Flores medíocres, com cálice curto e corola gomilosa, quinquentada com os dentes retroflectidos, esbranquiçado-esverdeada, caduca. Fruto majúsculo (1-2 cm de diâmetro), baciforme, subgloboso, granuloso-verrugoso, quinquelocular, com os lóculos polispérmicos. Matos, pinhais, bosques. Quási todo o País. *Medronheiro*, *Ervedo*.”

Mendonça & Vasconcellos (1961-1962) consideram-no um “arbusto ou pequena árvore, de folhas persistentes, dos matos e bosques”, com a sua distribuição no “Sudoeste das Ilhas Britânicas, sudoeste da França e Região Mediterrânea. Em Portugal: quási todo o País.”

Webb (1981) dá a distribuição do medronheiro da “Região Mediterrânea e Sudoeste da Europa, estendendo-se para norte localmente ao Noroeste da Irlanda”. Isto é, de Portugal à Turquia e à Irlanda.

Franco (1984) caracteriza-o como: arbusto de 1,5 a 3 m, por vezes mais elevado ou mesmo árvore até 12 m, “de ritidoma fendilhado, destacando-se em pequenas tiras, geralmente acastanhado; rebentos setoso-glandulosos, pelo menos em parte; folhas com 4-11 por 1,5-4 cm, oblongo-lanceoladas, serradas a subinteiras, glabras excepto na base. Panículas com 4-5 cm, nutantes aparecendo no Outono ou Inverno; cálice com 1,5 mm, de lobos suborbiculares; corola urceolada com 4-7 cm branca mas frequentemente tinta de rosa ou verde, com lobos curtos, revolutos, caduca. Baga verruculosa ou sulcado-reticulada, globosa, com 10-20 mm, passando do verde por amarelo e escarlata a vermelho-escuro” ... “Matos xerofílicos, margens de matas e encostas rochosas. Vulgar”.

## Informação utilizada<sup>(\*)</sup>

A Carta da Distribuição de Figueira e Medronheiro, Carta II.6 do Atlas do Ambiente, a que se refere esta Notícia Explicativa, foi preparada com base em elementos coligidos na “Carta Preparação” da Carta Agrícola e Florestal (CAF) na escala 1:250 000, elaborada pelo Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (SROA).

Na “Carta Preparação”, conjunto de transparentes à escala 1:25 000, correspondentes a cada uma das folhas da Carta Agrícola e Florestal, encontram-se representados os contornos das diferentes manchas culturais existentes, identificadas por um número respeitante à cor atribuída à espécie dominante, acrescido, algumas vezes, de um símbolo referente a uma segunda espécie, símbolo esse que se apresenta de cores diferentes conforme o tipo de agrupamento que as une (associação, consociação, mosaico e povoamento misto).

Das principais fases e operações por que passou a sua execução, das normas que conduziram à sua elaboração, e, sobretudo, do rigor com que foram determinados os elementos representados já foi dado conhecimento na Notícia Explicativa relativa à Carta Agrícola e Florestal integrada no Atlas do Ambiente (GTAA, 1985).

Segundo as normas de preparação adoptadas na Carta Agrícola e Florestal do SROA, em princípio também adoptadas nas cartas das culturas incluídas no Atlas, apresentam-se algumas definições de interesse, porquanto se relacionam com os tipos de distribuição representados. Assim, entende-se por *povoamento arbóreo*, um conjunto de árvores distribuídas com certa regularidade e de número não inferior a 50 por hectare, podendo descer a 30 se devidamente assinalado pelo técnico que procedeu ao reconhecimento de campo; por *povoamento estreme*, o povoamento constituído por uma única espécie de árvores, ou em que o número das árvores da espécie mais numerosa domina as restantes em pelo menos 75%; por *povoamento dominante*, quando formado por mais de uma espécie (associação, por duas, povoamento misto, quando mais), as quais consideradas isoladamente podiam constituir povoamento, e a

---

(\*) - Texto elaborado pelo Eng.º Geóg.º **Vitorino Pina** (†)

mais numerosa não atinge a dominância dos 75%, considerando-se, então, como *dominados*, os povoamentos constituídos pelas outras espécies. Por *disperso*, entende-se o povoamento em que o número de árvores não sendo inferior a 5 por hectare, não atinge número suficiente para constituir povoamento propriamente dito.

No que respeita a áreas mínimas de representação na Carta a que se reporta esta Notícia Explicativa, foram ainda adoptadas as áreas consideradas para a Carta Agrícola e Florestal 1:250 000, ou seja 20 a 25 hectares para povoamentos dominantes (ou estremes) e 90 a 100 hectares para povoamentos dominados, isto é, quando constituídos pela segunda espécie representativa definida pelo símbolo, que no caso do Atlas poderá mesmo ser a terceira, se esta for uma das representadas na Carta. O facto de se poder considerar a terceira espécie levou a rever-se previamente todos os povoamentos mistos mencionados na “Carta Preparação” através dos relatórios da “Carta Complementar” da Carta Agrícola e Florestal 1:25 000, no respeitante à identificação das três primeiras espécies.

### **Método de representação<sup>(\*)</sup>**

Embora apresentadas numa mesma Carta, as preparações da distribuição da figueira e do medronheiro foram executadas em separado em ozalides da matriz da Carta Agrícola e Florestal à escala 1:250 000, onde, para facilidade de identificação das manchas, se traçou a quadrícula da divisão em folhas 1:25 000, escala dos transparentes.

Antes de se indicarem as operações por que passaram estas preparações, considera-se oportuno fazer referência a alterações previamente introduzidas na própria “Carta Preparação”, resultantes da actualização do reconhecimento agrário da província do Algarve, efectuado pelo SROA nos anos 1973-1974, e também da revisão efectuada na zona norte, aquando da preparação dos dispersos, no sentido de se corrigirem possíveis divergências de critérios adoptados na sua preparação.

---

(\*) - Texto elaborado pelo Eng.º Geóg.º **Vitorino Pina** (†)

Atribuídas cores aos tipos de povoamentos dominante e dominado, a preparação consistiu em colorir nos ozalides, com a cor própria, as manchas correspondentes às identificadas, pelo número ou símbolo da espécie a cartografar, nos transparentes da “Carta Preparação” da CAF 1:250 000.

A preparação dos dispersos, porque não existe publicada pelo SROA qualquer carta específica da figueira e do medronheiro, consistiu em assinalarem-se nos ozalides das respectivas folhas 1:25 000, todas as manchas nas condições de representação (operação morosa resultado da consulta de todos os relatórios da Carta Complementar); estas manchas foram passadas depois para o vegetal 1:500 000 (escala adoptada para o desenho das matrizes), por redução à vista, utilizando o método da quadrícula.

Nas reproduções fotográficas da matriz de manchas, na escala 1: 500 000, uma para cada cor a imprimir, foram cheias a tinta as manchas que no ozalide da preparação estavam assinaladas com a cor considerada. Eliminadas todas as restantes manchas e por redução à escala 1:1 000 000, obtiveram-se as matrizes das cores que, depois de devidamente retocadas, foram servir à impressão da Carta do Atlas.

As cores escolhidas para representação das espécies na carta impressa, situam-se numa gama previamente estabelecida em função de todas as espécies representadas em cartas específicas a considerar no Atlas, obedecendo a um critério ecológico (escala de Gaussen), utilizando tons de verde, ou muito próximos, ordenados na escala de cores do arco-íris, entre o azul e o vermelho, conformes a um esquema xerotérmico, ressaltando o condicionalismo resultante da reduzida dimensão das manchas para espécies que, na mesma Carta, se apresentem com tons muito parecidos (Gaussen,1936).

## Descrição da Carta

Na Carta II.6 do Atlas do Ambiente distinguem-se as áreas de distribuição da figueira e do medronheiro.

Tratando-se de espécies originárias da Região Mediterrânea iniciamos a indicação das respectivas áreas pelo sul do País.

### Figueira

No distrito de Faro (Algarve) a figueira encontra-se geralmente cultivada em associação com a amendoeira e a alfarrobeira para constituir o característico e tradicional “pomar de sequeiro algarvio” e em muitos casos formando povoamentos puros (figueirais).

Assim aparece: em dispersos no concelho de Alcoutim, freguesia da sede; no concelho de Castro Marim, em dispersos nas freguesias de Odeleite e Azinhal e também como dominante na freguesia da sede; no concelho de Vila Real de Santo António tanto disperso, dominado ou mesmo dominante, nas freguesias da sede e de Vila Nova de Cacela; no concelho de Tavira, forma dispersos nas freguesias de St.<sup>a</sup> Maria, St.<sup>a</sup> Catarina da Fonte do Bispo e de Santiago e com alguns povoamentos dominados nas freguesias da Luz e de St.<sup>o</sup> Estêvão; no concelho de Olhão, povoamentos dominados e dispersos nas freguesias de Moncarapacho, Quelfes e Pechão; no concelho de Alportel com povoamentos dominados e em dispersos na freguesia de S. Brás de Alportel; no concelho de Faro, com predomínio de dispersos nas freguesias da Sé, Conceição e de S. Pedro; no concelho de Loulé, a figueira surge dispersa ou em pomar dominada nas freguesias de Almansil, Quarteira e Boliqueime e até onde pode ser dominante como nas freguesias de S. Clemente e de S. Sebastião, e passando a dispersa nas freguesias de Querença, Salir e Alte; no concelho de Albufeira, em que os figueirais têm maior representação no distrito, é sobretudo na freguesia da sede que predominam, enquanto os dominados e mesmo os dispersos figuram nas freguesias da Guia e de Paderne; no concelho de Silves, predominam os dominados e os dispersos nas freguesias de Pêra, Armação de Pêra, Alcantarilha e Algoz, encontrando-se alguns figueirais dominantes na freguesia da sede; no

concelho de Lagoa, os figueirais mais notórios encontram-se nas freguesias de Porches, da sede, Estômbar e Ferragudo, a par de dominados e dispersos; no concelho de Portimão, alguns figueirais a par de dominados e dispersos surgem nas freguesias da Mexilhoeira Grande, da sede e do Alvor; no concelho de Lagos, um dos concelhos onde os figueirais têm larga representação, predominam a par de dominados nas freguesias de Odiáxere, S. Sebastião, St.<sup>a</sup> Maria e Luz; no concelho de Vila do Bispo encontram-se figueirais, dominados e dispersos nas freguesias de Budens e Raposeira e só dispersos nas freguesias de Barão de S. Miguel, Sagres e da sede, já no litoral ocidental; no concelho de Aljezur com dispersos na freguesia da Bordeira.

No distrito de Beja, a figueira tem muito escassa representação: no concelho de Odemira com dispersos nas freguesias de S. Luís e de Vila Nova de Milfontes; no concelho de Mértola com dispersos na freguesia de Santana de Cambas; no concelho de Serpa, dominados e com dispersos nas freguesias de Aldeia Nova de S. Bento, St.<sup>a</sup> Maria, Vila Verde de Ficalho, Vale de Vargo e Pias; no concelho de Moura, com povoamentos dispersos e alguns dominados nas freguesias de Sobral da Adiça, St.<sup>o</sup> Aleixo da Restauração, de St.<sup>o</sup> Agostinho, da Amareleja e da Póvoa; no concelho da Vidigueira, com dispersos nas freguesias da sede e de Vila de Frades.

No distrito de Setúbal, a figueira tem igualmente fraca representação e em geral sob a forma de povoamentos dispersos; no concelho e freguesia de Sines; no concelho de Santiago do Cacém, freguesia de St.<sup>o</sup> André; no concelho de Grândola, freguesias de Melides e do Carvalhal; no concelho de Sesimbra, freguesia do Castelo; no concelho de Setúbal, freguesia de S. Sebastião; no concelho de Palmela, freguesias de Quinta do Anjo, Pinhal Novo, da sede, com alguns povoamentos dominados, e de Marateca; no concelho da Moita com dispersos nas freguesias da sede e de Alhos Vedros; no concelho do Barreiro, freguesias de Palhais e St.<sup>o</sup> André; no concelho do Seixal, freguesias de Aldeia de Paio Pires, Arrentela e Amora; no concelho de Almada, freguesias de Costa da Caparica, Caparica e Trafaria; no concelho do Montijo, freguesias de Sarilhos Grandes, da sede, de St.<sup>o</sup> Isidro de Pegões e de Canha.

No distrito de Évora, a figueira tem pouca representação e é sobretudo sob a forma de dispersos: no concelho de Viana do Alentejo, freguesia da sede; no concelho de Mourão, freguesia da sede, com alguns povoamentos dominados; no concelho de



Reguengos de Monsaraz, freguesias da sede e de Monsaraz; no concelho de Redondo, freguesias de Montoito e de sede; no concelho de Évora, freguesia da Sé; no concelho de Montemor-o-Novo, freguesia de Lavre; no concelho de Vila Viçosa, freguesia de S. Bartolomeu; no concelho de Estremoz, freguesia de Arcos; e no concelho de Mora, freguesias de Pavia e da sede.

No distrito de Lisboa a figueira tem também fraca representação, em geral sob a forma de povoamentos dispersos: no concelho de Cascais, freguesia da sede; no concelho de Loures, freguesias de Camarate, Apelação, de Unhos e de Fanhões; no concelho de Mafra, freguesia de Cheleiros; no concelho de Vila Franca de Xira, freguesia de Vialonga; no concelho de Alenquer, freguesias de St.º Estêvão, Triana e Ota; no concelho de Azambuja, freguesias da sede, Aveiras de Baixo, Vale do Paraíso e Aveiras de Cima; no concelho de Torres Vedras, freguesias de Ponte do Rol e Silveira.

No distrito de Portalegre é igualmente reduzida a representação da figueira: no concelho de Elvas, freguesias de Assunção e Alcáçova; no concelho de Monforte, freguesia de St.º Aleixo; no concelho de Fronteira, freguesia da sede; no concelho de Avis, freguesias de Benavila e de Figueira e Barros; no concelho de Ponte de Sor, freguesias de Montargil e da sede; no concelho de Portalegre, freguesias de Reguengo, Sé, S. Lourenço, S. Julião e Alagoa; no concelho do Crato, freguesias de sede, Aldeia da Mata, Flor da Rosa, Vale do Peso e Gáfete; no concelho de Marvão, freguesias de St.º António das Areias, da sede e Beirã; no concelho de Castelo de Vide, freguesias de St.ª Maria da Devesa, S. João Baptista, Santiago Maior e N.ª Sr.ª da Graça de Póvoa e Meadas; no concelho de Gavião, freguesias da sede, Atalaia e Belver (esta a norte do Tejo); no concelho de Nisa, freguesias de Tolosa, Alpalhão, Amieira do Tejo, Arez, Espírito Santo, N.ªSr.ª da Graça, S. Simão, Santana e Montalvão.

No distrito de Santarém (Ribatejo) a figueira encontra-se mais intensamente cultivada do que nos outros distritos exceptuando o de Faro (Algarve), atingindo maiores proporções nos figueirais de Torres Novas. Apresenta-se em povoamentos dispersos a sul do Tejo: no concelho de Benavente, freguesias de Samora Correia, St.º Estêvão e da sede, aqui com povoamentos dominados; no concelho de Coruche, freguesias da

sede, Couço e S. José de Lamarosa; no concelho de Salvaterra de Magos, freguesias da sede, Marinhais, Glória do Ribatejo e Muge; no concelho de Almeirim, freguesias de Raposa, Benfica do Ribatejo, Fazendas de Almeirim e da sede; no concelho de Alpiarça, freguesia da sede; no concelho da Chamusca, freguesia de Pinheiro Grande; e no concelho de Abrantes, freguesias de Bemposta, S. Facundo, S. Miguel do Rio Torto, Tramagal, Rossio ao Sul do Tejo, Pego e Alvega.

No mesmo distrito, a norte do Tejo, a figueira aparece: no concelho do Cartaxo, freguesias de Pontével e Vale da Pinta; concelho de Santarém, freguesias de Vale de Santarém, Póvoa da Isenta, S. Nicolau, Vale de Figueira, Azóia de Cima, Achete, S. Vicente do Paul e Casével; no concelho de Rio Maior, freguesias da sede, Fráguas e Alcobertas; no concelho de Alcanena, freguesias de Espinheiro, Malhou, Louriceira, da sede, Bugalhos, Vila Moreira, Monsanto e Moitas Venda; no concelho de Torres Novas, como se registou atrás, encontram-se figueirais dominantes e dominados e também dispersos, nas freguesias de Alcorochel, Brogueira, Riachos, Parceiros de Igreja, St.<sup>a</sup> Maria, Santiago, Zibreira, S. Pedro, Ribeira Branca, Lapas, Pedrógão, Olaia, Chancelaria, Paço e Assentiz. Agora com dispersos: no concelho de Tomar, freguesias de Asseiceira, Paialvo, S. Pedro de Tomar, Madalena, Serra, Junceira, St.<sup>a</sup> Maria dos Olivais, S. João Baptista, Beselga, Carregueiros, Pedreira, Casais e Olalhas; no concelho de V. Nova de Ourém, freguesias de Ourém, Atouguia, Alburitel, da sede, Olival, Urqueira, Casal dos Bernardos, Freixianda, Caxarias, Rio de Couros e Formigais; no concelho de Ferreira do Zêzere, freguesias de Igreja Nova do Sobral, da sede, Chãos, Areias e Pias; no concelho de Abrantes, freguesias de Martinchel, Aldeia do Mato, Souto e Mouriscas; no concelho do Sardoal, freguesias de Valhascos, da sede, Alcaravela e Santiago de Montalegre e no concelho de Mação, freguesias de Ortiga, Penhascoso, da sede e Envendos.

No distrito de Leiria, a figueira surge somente em povoamentos dispersos: no concelho de Alcobaça, freguesias de Benedita, Turquel e Évora de Alcobaça; no concelho de Porto de Mós, freguesias de S. João Baptista e S. Pedro; no concelho de Leiria, freguesias de Maceira, Azoia, Parceiros e Caranguejeira; no concelho de Alvaiázere, freguesias de Pussos, da sede, Almoester e Mações de D. Maria; no concelho de Ansião, freguesias de Pousaflores, Chão de Couce, da sede, Torre de Vale de

Todos, Lagarteira e Alforge; no concelho de Figueiró dos Vinhos, freguesias da sede, Aguda e Campelo; no concelho de Pedrógão Grande, freguesia da sede; no concelho de Castanheira de Pêra, freguesia da sede; e no concelho de Pombal, freguesias de Santiago de Litém, Vila Chã, Abiul, da sede, Pelariga, Almagreira e Lourical.

No distrito de Castelo Branco a figueira também figura em povoamentos dispersos: no concelho de Vila Velha de Ródão, freguesias da sede, Perais e Sarnadas de Ródão; no concelho de Proença-a-Nova, freguesias da sede e Sobreira Formosa; no concelho de Vila de Rei, freguesia da sede; no concelho da Sertã, freguesias de Cumeada, Castelo e Carvalhal; no concelho do Fundão, freguesias de Orca, Vale de Prazeres, Alcaide, Donas, Silvares e Fatela; no concelho de Penamacor, freguesias de Aldeia de João Pires, Águas, Aranhas, Aldeia do Bispo, da sede e Meimosa; no concelho da Covilhã, freguesias de Ferro, Tortosendo, Peraboa, Boidobra, S. Pedro, S. Martinho e Aldeia do Carvalho; no concelho de Belmonte, freguesia de Caria; no concelho de Castelo Branco, freguesias de Malpica do Tejo, Monforte da Beira, Cebolais de Cima, Retaxo, St.º André das Tojeiras, Benquerenças, Sarzedas, Salgueiro do Campo, Juncal do Campo, Freixial do Campo, Escalos de Cima e Lousa; e no concelho de Idanha-a-Nova, freguesias da sede, Ladoeiro, Oledo e Monsanto.

No distrito de Coimbra, também a figueira aparece em povoamentos dispersos: no concelho de Penela, freguesias de S. Miguel e de St.ª Eufémia; no concelho de Soure, freguesias da sede, Vinha da Rainha, Gesteira e Samuel; no concelho de Figueira da Foz, freguesias de Paião, Alqueidão, Tavarede, Buarcos, Maiorca, Ferreira-a-Nova e Quiaios; no concelho de Miranda do Corvo, freguesias da sede e Lamas; no concelho de Condeixa-a-Nova, freguesias de Ega, Sebal e Belide; no concelho da Lousã, freguesias da sede e Serpins; no concelho de Montemor-o-Velho, freguesias de Verride, St.º Varão, da sede, Carapinheira e Pereira; no concelho de Coimbra, freguesias de Antanhol, St.ª Clara, Antuzede, Eiras e S. Paulo de Frades; no concelho de Vila Nova de Poiares, freguesias de Arrifana e S. Miguel de Poiares; no concelho de Tábua, freguesias de Ázere, da sede, Midões e Póvoa de Midões; no concelho de Oliveira do Hospital, freguesias de Travanca de Lagos e Ervedal; no concelho de Cantanhede, freguesias de Portunhos, Outil, Cadima, da sede e Febres; e no concelho de Mira, freguesia da sede.

No distrito da Guarda a figueira forma povoamentos dispersos raros nas bacias do Alva, Mondego e Dão, mas mais frequentes no planalto beirão e nas bacias do Coa e Douro: no concelho de Gouveia, freguesias de Nespereira, S. Paio e Arcozelo; no concelho do Sabugal, freguesias de Aldeia de St.<sup>o</sup> António e Quintas de S. Bartolomeu; no concelho da Guarda, freguesias de Ramela, Faia, Aldeia Viçosa e Vila Cortês do Mondego; no concelho de Celorico da Beira, freguesias de Rapa, Lajeosa do Mondego, Açores, Velosa, Baraçal, Maçal do Chão, S. Pedro, St.<sup>a</sup> Maria, Forno de Telheiro e Minhocal; no concelho de Fornos de Algodres, freguesias da sede e Figueiró da Granja; no concelho de Almeida, freguesias de Malhada Sorda, Castelo Mendo, Freineda, Castelo Bom, S. Pedro de Rio Seco e Junça; no concelho de Pinhel, freguesias de Pereiro, Vascoveiro, Vale de Madeira, da sede, Valbom, Bogalhal e Azevo; no concelho de Aguiar da Beira, freguesias da sede, Sequeiros e Gradiz; no concelho de Trancoso, freguesias de Vilares, Vila Franca das Naves, Carnicães, Freches, Fiães, Souto Maior, Vale do Seixo, S. Pedro e Valdujo; no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, freguesias de Vilar Torpim, Almofala, Mata de Lobos, Freixeda de Torrão, Vale de Afonsinho e Algodres; no concelho de Meda, freguesias de Coriscada, Rabaçal, Barreira, Marialva, Longroiva, da sede, Poço do Canto e Fonte Longa; e no concelho de Vila Nova de Foz Côa, freguesias de St.<sup>a</sup> Comba, Castelo Melhor, da sede, Freixo de Numão, St.<sup>o</sup> Amaro e Mós.

No distrito de Viseu são frequentes os povoamentos dispersos de figueira ao longo do vale do Dão: no concelho de Santa Comba Dão, freguesias de Ova, Vimieiro, S. João de Areias e Treixedo; no concelho de Carregal do Sal, freguesias de Oliveira do Conde, Cabanas de Viriato e Beijós; no concelho de Tondela, freguesias de Vila Nova da Rainha, Mouraz, Tonda, da sede e Molelos; no concelho de Nelas, freguesias de Canas de Senhorim, da sede, Senhorim, Carvalhal Redondo e Santar; no concelho de Mangualde, freguesias de Moimenta de Maceira Dão, Alcafache, Fornos de Maceira Dão e da sede; no concelho de Viseu, freguesias de Loureiro, de Silgueiros, S. João de Lourosa, Fragosela, S. Cipriano, S. Salvador, Ranhados, Rio de Loba, Orgens, S. José, Abraveses e Mundão; no concelho de Vouzela, freguesias de Fataunços e Figueiredo das Donas; no concelho de Oliveira de Frades, freguesia de Ribeiradio; no concelho de Penalva do Castelo, freguesias de Pindo, Ínsua e Lusinde;

no concelho de S. Pedro do Sul, freguesias da sede, S. Félix, Vila Maior e Sul; no concelho de Moimenta da Beira, freguesias de Arcozelos, Vilar, da sede, Baldos, Cabaços, Paradinha, Nagosa e Castelo; no concelho de Tarouca, freguesias de Ucanha e Gouveães; no concelho de Lamego, freguesias da Sé, Almacave, Valdigem, Sande, Cambres e Samodães; no concelho de Armamar, freguesias de Vila Seca, Vacalar e Folgosa; no concelho de Tabuaço, freguesias de Vale de Figueira, Adorigo e Valença do Douro; no concelho de S. João da Pesqueira, freguesias de Trevões, Várzea de Trevões, Castanheiro do Sul, da sede, Ervedosa do Douro, Soutelo do Douro e Nagozelo do Douro; no concelho de Penedono, freguesias de Souto e Póvoa de Penela.

No distrito de Aveiro são muito escassos os povoamentos, mesmo os dispersos da figueira: no concelho da Mealhada, freguesias de Pampilhosa, Vacariça e Casal Comba; no concelho de Sever do Vouga, freguesias de Paradela, Cedrim e da sede; no concelho de Oliveira de Azeméis, freguesia de Pindelo; no concelho de Ovar, freguesias da sede e de Arada; no concelho de Espinho, freguesias de Silvalde e Anta; no concelho de Feira, freguesias de Souto, Travanca e Espargo.

No distrito do Porto, rareiam também os povoamentos de figueira, ainda que dispersos: no concelho de Vila Nova de Gaia, freguesias de S. Félix da Marinha, Serzedo, Arcozelo, Gulpilhares, Canidelo e Pedroso; no concelho de Gondomar, freguesia de Melres; no concelho de Penafiel, freguesias de Rio de Moinhos, Cabeça Santa, Boelhe, Perozelo, Luzim e Vila Cova; no concelho de Valongo, freguesia de Sobrado; no concelho de Paredes, freguesias de Mouriz, Vila Cova de Carros, Besteiros, Cristelo, Louredo e Vandoma; no concelho de Matosinhos, freguesia de Lavra; no concelho de Paços de Ferreira, freguesias de Modelos, Frazão e Meixomil; no concelho de Amarante, freguesias de Candemil, Ansiães, Aboadela, Gondar, Cepelos, Freixo de Baixo, Telões e Gatão; no concelho de Santo Tirso, freguesias de Covelas, Guimarei, Monte Córdova, S. Miguel do Couto, S. Salvador do Campo e Santiago de Bougado; e, no concelho de Póvoa do Varzim, freguesia de Estela.

No distrito de Braga são também muito raros os povoamentos de figueira mesmo os dispersos: no concelho de Fafe, freguesia da sede; no concelho de Guimarães, freguesias de Azurém, Fermentões, St.<sup>a</sup> Maria de Airão e S. João Baptista de Airão;

no concelho de Vila Nova de Famalicão, freguesia de Joane; no concelho de Braga, freguesias de Priscos e Frossos; no concelho de Esposende, freguesias de Marinhãs e Mar; no concelho de Póvoa de Lanhoso, freguesias de Garfe, Taíde e Fonte Arcada; e no concelho de Vieira do Minho, freguesias de Gilhofrei e Rossas.

No distrito de Viana do Castelo estão assinalados povoamentos dispersos de figueira: no concelho de Paredes de Coura, freguesia de Cossourado e no concelho de Vila Nova de Cerveira, freguesia de Sapardos.

No distrito de Vila Real, os povoamentos da figueira são de forma dispersa, sobretudo nas vertentes do Douro e do Tua: no concelho de Peso da Régua, freguesia de Canelas; no concelho de Sabrosa, freguesias de Covas do Douro, Gouvinhas, Celeirós, Vilarinho de S. Romão e da sede; no concelho de Alijó, freguesias de Castedo, S. Mamede de Ribatua, Carlão, da sede, Sanfins do Douro e Vilar de Maçada; no concelho de Murça, freguesias de Candedo, Noura, da sede, Palheiros, Valongo de Milhais e Jou; no concelho de Valpaços, freguesias de Vales, S. Pedro de Veiga de Lila, Veiga de Lila, Rio Torto, Água Revés e Crasto, da sede, Possacos, Algeriz, Santiago da Ribeira de Alhariz, Ervões, Friões, Fornos do Pinhal, Barreiros e Sonim; e no concelho de Chaves, freguesias de Oura, Selharis, Vilarinho das Paranhos, Vale de Anta, da sede, Faiões, St.<sup>o</sup> Estêvão e Vila Verde da Raia.

No distrito de Bragança os povoamentos da figueira, de igual modo dispersos, encontram-se sobretudo nas vertentes do Tua e no Douro: no concelho de Freixo de Espada à Cinta, freguesia da sede; no concelho de Torre de Moncorvo, freguesias de Lousa, Cabeça Boa e Carviçais; no concelho de Carrizosa de Ansiães, freguesias de Seixo de Ansiães, Beira Grande, Castanheiro, Amedo e Pinhal do Norte; no concelho de Vila Flor, freguesias da sede, Nabo, Seixo de Manhosos, Freixiel, Vilarinho das Azenhas, St.<sup>a</sup> Comba de Vilariça e Vale Frechoso; no concelho de Mogadouro, freguesias de Ventozelo, Peredo da Bemposta, Bemposta, Urrós, Castelo Branco e Brunhoso; no concelho de Miranda do Douro, freguesia de Sendim; no concelho de Alfândega da Fé, freguesias de Eucísia, Vilarelhos, Agrobom, Vale Pereiro e Saldonha; no concelho de Mirandela, freguesias de Abreiro, Avidagos, Pereira, Caravelas, Passos, Sucções, Marmelos, da sede, Cabanelas, Vale de Salgueiro, Vale de Telhas, Bouça, Carvalhais, Mascarenhas, Múrias e Torre de Dona Chama; no

concelho de Macedo de Cavaleiros, freguesias de Grijó de Vale Benfeito, Vilar do Monte, Cortiços, Sezulfe, Ala, Arcas, Ferreira, Murçós, Vilarinho de Agrochão e Lamalonga; e, no concelho de Vinhais, freguesias de Rebordelo, S. Jomil, Curopos, Candedo, Nunes, da sede, Vilar de Ossos e Tuizelo.

## **Medronheiro**

O medronheiro raramente forma povoamentos dominantes; encontra-se em povoamentos dominados ou esparsos, integrados em comunidades naturais ou seminaturais (machiais, matas).

No distrito de Faro (Algarve) surge em povoamentos esparsos nas serranias de Sotavento (Serra do Caldeirão) e em povoamentos dominados ou por vezes dominantes nas serranias do Barlavento (Serra de Monchique). Assim: no concelho de Tavira, freguesias de St.<sup>a</sup> Maria, de St.<sup>a</sup> Catarina da Fonte do Bispo e Cachopo aparece esperso no Barrocal e, raramente em povoamentos mais densos mas dominados; no concelho de Alportel, freguesia de S. Brás de Alportel; no concelho de Loulé, freguesias de S. Clemente, S. Sebastião, Boliqueime e Alte, no Barrocal, em povoamentos dispersos, e nas freguesias de Querença, Salir e Ameixial, na Serra do Caldeirão onde já, a certas altitudes e exposições, assume povoamentos dominados; no concelho de Silves, freguesias da sede, S. Bartolomeu de Messines e S. Marcos da Serra, nas faldas meridionais da serra de Monchique, também em povoamentos dispersos e em dominados nas maiores elevações; no concelho de Lagos, freguesias de Odiáxere e Bensafrim com povoamentos dispersos; no concelho de Aljezur, freguesias de Bordeira, da sede e Odeceixe em povoamentos dispersos das serranias de Espinhaço de Cão e até dominados nos contrafortes da Serra de Monchique expostos a noroeste; no concelho de Monchique, freguesias de Alferce, da sede e Marmeleite também em povoamentos dispersos nas faldas e dominados nas maiores elevações da serra de Monchique; no concelho de Portimão, freguesia de Alvor em povoamentos dispersos nas faldas da serra de Espinhaço de Cão.

No distrito de Beja, o medronheiro forma povoamentos dispersos, em sub-bosque de matas (sobreirais e carvalhais): no concelho de Almodôvar, freguesias de S.

Barnabé, da sede, St.<sup>a</sup> Clara-a-Nova e Gomes Aires; no concelho de Ourique, freguesias de Santana da Serra e Garvão; e, no concelho de Odemira, freguesias de St.<sup>a</sup> Clara-a-Velha, Sabóia, S. Teotónio, S. Salvador, Relíquias e S. Martinho das Amoreiras.

No distrito de Setúbal, o medronheiro surge em povoamentos dispersos: no concelho e freguesia de Sines; no concelho de Santiago do Cacém, freguesias da sede e S. Francisco da Serra; no concelho e freguesia de Grândola; no concelho de Alcácer do Sal, freguesia de St.<sup>a</sup> Maria do Castelo; no concelho de Setúbal, freguesias de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Anunciada, de S. Simão de Azeitão e de S. Lourenço de Azeitão em povoaamentos esparsos (matagais) ou povoamentos dominados (machiais e matas) nas serranias arrábidas.

No distrito de Évora o medronheiro forma povoamentos dispersos no concelho de Portel, freguesia de Alqueva.

No distrito de Lisboa assinala-se povoamentos dispersos de medronheiro: no concelho e freguesias da Amadora; no concelho de Sintra, freguesia de Colares; e, no concelho da Lourinhã, freguesias de Miragaia e Moledo.

No distrito de Santarém assinala-se o medronheiro em povoamentos dispersos no concelho de Santarém, freguesia de Almoester.

No distrito de Leiria ficaram assinalados povoamentos dispersos de medronheiro: no concelho de Caldas da Rainha, freguesias de S. Gregório da Fanadia e Vidais; no concelho de Alcobaça, freguesias de Turquel, Prazeres de Aljubarrota, S. Vicente de Aljubarrota, Bárrio, Vestiária e Maiorga; no concelho de Porto de Mós, freguesias de Pedreiras e S. João Baptista; no concelho de Pombal, freguesias da sede, Redinha e Carriço e, no concelho e freguesia de Pedrógão Grande.

No distrito de Castelo Branco, o medronheiro aparece em povoamentos dispersos: no concelho de Castelo Branco, freguesias de St.<sup>o</sup> André das Tojeiras e Sarzedas; no concelho de Proença-a-Nova, freguesias da sede e Alvito da Beira; no concelho da Sertã, freguesias de Castelo, Carvalhal, Várzea dos Cavaleiros, da sede, Ermida, Cabeçudo e Troviscal, onde aparece um povoamento dominado; no concelho de Oleiros, freguesias de Estreito, Mosteiro, Madeirã, Sobral, Álvaro, Sarnadas de S. Simão e Amieira, onde surge um povoamento dominado; e, no concelho de Idanha-a-



Nova, freguesia de Penha Garcia, onde existe também um trecho de povoamento dominado.

No distrito de Coimbra existem povoamentos dispersos de medronheiro: no concelho e freguesia de Penela; no concelho de Pampilhosa da Serra, freguesias da sede e Cabril; no concelho e freguesia de Miranda do Corvo; no concelho de Coimbra, freguesias de Assafarge, St.<sup>a</sup> Clara e S. Martinho do Bispo; no concelho de Lousã, freguesias de Vilarinho e Serpins, onde surge um povoamento dominado; no concelho e freguesia de Góis; no concelho de Vila Nova de Poiares, freguesias da sede e Arrifana; no concelho de Penacova, freguesias de Paradela, S. Pedro de Alva e Oliveira do Mondego; e, no concelho de Cantanhede, freguesia de Ourentã.

No distrito da Guarda, o medronheiro só surge em povoamentos dispersos no concelho de Seia, freguesias de Teixeira, Vide e Alvoco da Serra no flanco sudoeste da Serra da Estrela.

No distrito de Aveiro surgem raramente povoamentos dispersos de medronheiro: no concelho de Anadia, freguesias de Vila Nova de Monsarros, Moita e Mogofores; no concelho de Águeda, freguesias de Castanheira do Vouga e Préstimo; no concelho de Vale de Cambra, freguesia de Arões, e, no concelho de Arouca, freguesias de Covelo de Paivô e Janarde.

No distrito de Viseu são também escassas as representações de medronheiro, sempre em povoamentos dispersos: no concelho de Carregal do Sal, freguesia de Parada; no concelho de Mortágua, freguesia de Sobral; no concelho de Tondela, freguesias de Barreiro de Besteiros, Castelões e Guardão; no concelho de Lamego, freguesias de Britiande, Cepões e Almacave; no concelho de Armamar, freguesias de Aldeias, Vila Seca e St.<sup>o</sup> Adrião; no concelho de Tabuaço, freguesia de Vale de Figueira; e, no concelho de S. João da Pesqueira, freguesias da sede e Ervedosa do Douro.

No distrito do Porto só surgem assinalados povoamentos dispersos de medronheiro no concelho de Baião, freguesias de Ancede, Santa Cruz do Douro e Covelas, no flanco meridional da Serra do Marão, e de Teixeira, nas maiores elevações.

No distrito de Braga os povoamentos de medronheiro são muito escassos e só são

representativos os dispersos no concelho de Celorico de Basto, freguesia de Arnóia; no concelho de Cabeceiras de Basto, freguesias de Cavês, Vilar de Cunhas e Gondiaães, onde também ocorrem povoamentos dominados (vertentes de sudeste da serra da Cabreira); no concelho de Terras de Bouro, freguesias da sede, Covide, Vilar da Veiga e Campo do Gerês, onde também ocorrem povoamentos dominados.

No distrito de Viana do Castelo, as ocorrências assinaladas de medronheiro são: no concelho de Ponte da Barca, freguesia de Entre Ambos-os-Rios, no flanco noroeste da Serra Amarela, e no concelho de Arcos de Valdevez, freguesia de Ermelo, no flanco sul da Serra da Peneda.

No distrito de Vila Real as ocorrências de medronheiro, surgem em povoamentos dispersos: no concelho de Mesão Frio, freguesias de Vila Jusã, S. Nicolau, St.<sup>a</sup> Cristina, Vila Marim e Cidadelhe, no flanco meridional da Serra do Marão; no concelho de Peso da Régua, freguesia de Galafura; no concelho de Sabrosa, freguesia de Gouvinhas; no concelho de Santa Marta de Penaguião, freguesia de Sever; no concelho de Vila Real, freguesias de Parada de Cunhos e S. Dinis; no concelho de Vila Pouca de Aguiar, freguesias de Bragado e Capeludos, nos flancos sudoeste e noroeste da Serra de Padrela; no concelho de Ribeira de Pena, freguesias de St.<sup>o</sup> Aleixo de Além-Tâmega, St.<sup>a</sup> Marinha e Canedo com alguns povoamentos dominados; no concelho de Boticas, freguesia de Pinho; e, no concelho de Montalegre, freguesia de Cabril, no flanco meridional da Serra do Gerês.

## Interesse da Carta

A Carta apresenta-se com interesse múltiplo, o bioecológico, o económico e o paisagístico, para qualquer das espécies.

Do ponto de vista bio-ecológico a figueira é a espécie que tem sofrido maior influência do clima e do solo e, sobretudo da cultura pela acção do homem.

### Figueira

Segundo Leotte (*l.c.*) a figueira é árvore de clima sub-tropical; cresce subspontânea em toda a bacia do Mediterrâneo e no litoral atlântico. A sua zona de cultura, mais ou menos natural, encontra-se entre os paralelos de 25<sup>o</sup> e 46<sup>o</sup> N. A frutificação da figueira é contínua em clima quente e húmido, sub-contínua em clima temperado; e incompleta em clima frio.

”Na nossa península, cultiva-se a figueira em todas as regiões excepto nos Pirinéus, na Castela Velha, em Leão, no Alto Aragão e na planície central. Medra admiravelmente na zona oriental e oceânica, subindo até à altitude de 850 m e são notáveis, entre todos, os figueirais entre o Cabo de S. Vicente e o Guadalquivir.

Se pelo que respeita ao clima, a figueira é bastante exigente, é-o muito pouco pelo que respeita a terreno. Nos terrenos calcários ricos, de subsolo fresco, apresenta pujante vegetação e frutificação abundante. Nos terrenos siliciosos frescos, fundos e férteis e nos de aluvião moderna, ... os figos são preciosos, muito sacarinos e macios.

No Algarve, os melhores figueirais ostentam-se nos terrenos calcários, nos arenosos e nos de aluvião, compreendidos entre a serra e o mar. Há belíssimos figueirais no litoral, desde Lagos a Quarteira, nos arredores de Loulé, de Faro, de Olhão e de Tavira, mas são os figueirais entre Portimão e Quarteira, nos terrenos terciários e de aluvião moderna, que produzem os mais apreciados figos do comércio.” ... Os quais correspondem aos solos calcários derivados de rochas do Miocénio, de saibros do Plio-Plistocénico e de aluviões do Holocénico”.

Leão de Castro (*l.c.*) menciona: “Em Portugal encontramos a figueira de norte a sul, mas é especialmente no Algarve e na região de Torres Novas que a sua cultura se pratica com mais intensidade”.

“Como os terrenos da região de Torres Novas são, de uma maneira geral, calcários [Miocénio] com predomínio de xistos argilosos... é nos calcários ricos e frescos que se conseguem as melhores produções. A figueira é uma árvore que admite quase todo o tipo de solos”.

Na região de Beira-Douro os figueirais surgem nos solos derivados de rochas xisto-grauváficas do Carbónico.

Quanto ao aspecto económico o valor principal da figueira é o figo. Os figos têm abundância de açúcares (glucose, frutose e ainda sacarose) que em fresco atingem 20% e em seco vão até 62%; além disso contêm pentosanas e diversos ácidos (cítrico, málico, acético) e matérias mucilaginosas; ainda de importância é o leite (látex) existente no figo em maturação (Font-Quer, *l.c.*).

Le Maout *et al.* (*l.c.*) disseram do figo: “Fruto doce, mucilaginoso, alimentar, medicinal, adoçante”.

Polunin *et al.* (*l.c.*) afirmaram: “Os figos são de grande importância como alimento dos povos mediterrânicos; são comidos tanto frescos como secos. A figueira foi muito importante nos tempos bíblicos; é referida mais frequentemente do que qualquer outra espécie. Os figos meio-maduros são considerados venenosos”.

Polunin (1969) adianta: “os frutos secos são uma dieta comum de inverno para alguns povos”.

Entre nós, nos meios rurais, era muito comum o “mata-bicho” da manhã, antes do trabalho, com figos secos e aguardente.

Sigamos a descrição de Leotte (*l.c.*): “Os figos para consumo imediato devem ser colhidos quando apresentam a cor própria da maturação, quando quasi todo o látex que os engorgita se acha transformado em assucar.... e se tornam brandos ao tacto conservando, todavia, uma certa firmeza na polpa”<sup>(\*)</sup>.

A colheita dos figos, para *passa*, deve ser feita um pouco mais tarde, quando o receptáculo perca a firmeza e comece a murchar... Colhem-se os figos à mão nas pernadas baixas; por meio de brando varejo nas altas.

---

(\*)- Um ditado espanhol consagra que: “O figo para ser bom, tem de ter pescoço de enforcado, roupa de pobre e olho de viúva” alusão à [lágrima de mel] (Font-Quer, *l.c.*).

Os figos, logo depois de colhidos são levados em canastras de vime para o almanchar - recinto soalheiro fechado por um muro - e aí espalhados sobre esteiras de funcho ou de canas delgadas [para exposição ao sol].

Os figos estarão passados, e em estado de serem recolhidos, se não fenderem quando sejam apertados entre os dedos (após uma exposição ao sol de 4 a 6 dias). Os figos insuficientemente passados fermentam, azedam-se e apodrecem; os demasiado passados ficam duros e desmerecem de valia.

Na passagem do estado maduro ao de passa, os figos perdem água de vegetação e peso... (60 a 80%, consoante as castas).

Os figos passados separam-se em três lotes ou classes, segundo o tamanho e beleza de cada um: flor, de comadre e chocho ou branco.

Os figos são recolhidos em armazém e aí entulhados até ao fim da colheita ou logo acondicionados convenientemente para venda e exportação.

Há dois processos de acondicionamento: em caixa ou em ceira. O figo-flor só é acondicionado em caixas; o figo de comadre é-o em ceiras de palma [folha de palmeira anã]. No acondicionamento em caixa o figo é espalmado e alinhado. Os figos chochos ou brancos são todos consumidos no País: parte na alimentação das classes pobres durante o inverno e dos porcos no período de engorda e parte no fabrico de álcool e aguardente. Acondicionam-se em ceiras e em sacos.

“Os figos brancos são, na sua maioria, consumidos no fabrico de aguardente. Contêm geralmente uma percentagem de glucose não inferior a 60%; ... 100 kg de figos passados devem produzir... 44 litros de aguardente de mesa de 60° “. Em explorações de alguma importância, conviria ser montado um alambique de destilação para aproveitamento dos figos ameaçados de destruição pelas chuvas. Assim fazem os lavradores de Torres Novas que nem sempre podem contar com a benignidade do clima... Se a chuva se prolonga muito, os figos entram em fermentação e perdem-se. Leotte (*l.c.*) dizia: “Em todas as províncias do nosso País se cultiva a figueira, mas somente constitui uma riqueza agrícola no Algarve, porque somente aí acha reunidas as condições climáticas indispensáveis”.

Segundo Cavaco (1978) “A região meridional do País apresenta desde a época muçulmana e mesmo romana uma economia largamente dependente das exportações.

Na Idade Média estas eram constituídas essencialmente por figos... “Já quando da reconquista Tavira era rodeada por figueiras e vinhas (além de hortas) que, no foral, D. Afonso III considerou reguengas... figueirais, oliveiras e vinhas povoam então densamente os campos do litoral da cidade.

De assinalar ainda as seguintes passagens da mesma autora: “As novidades de exportação, nomeadamente figos e azeite, além da criação de uma feira franca no tempo da carregação do figo. - “O aumento, em 1579, da duração da feira, a presença nela de produtos agrícolas, sobretudo de figos, passas de uva e alfarroba...”.

Existia uma economia aberta especializada na produção e comércio de figos, confirmada pelos autores do século XVIII e, depois, por Silva Lopes (1841).

Leão de Castro (1983) afirmava: “Há um século, a ocupação agrária do sotavento continuava a basear-se nas culturas arbustivas e arbóreas. A dominante na paisagem correspondia ao pomar de sequeiro, e sobretudo ao figueiral, ... As figueiras constituíam, paralelamente as principais plantações das maiores propriedades.... Esta dominância manteve-se por mais alguns decénios, apoiada pela valorização do figo cujo preço duplicara durante a primeira guerra nos mercados dos países aliados, dado o seu valor alimentar e o enfraquecimento da concorrência do proveniente da Turquia”.

Segundo Leotte (*l.c.*), o volume da exportação do figo seco no Algarve no quinquénio (1890-1894) foi em média de 7667 toneladas anuais no valor médio de 271 contos e segundo Cavaco (*l.c.*), no octénio de (1966-1973), foi em média de 813 toneladas de figo seco com valor médio de 4 268 contos e 3280 toneladas anuais de pasta de figo com o valor médio de 16 031 contos. Ainda segundo Leotte, “Os figos das outras províncias não são inferiores aos do Algarve, alguns até se avantajam a estes, em formosura e sabores, mas são menos sacarinos, por serem criados em meio mais húmido e, são, portanto, de mais difícil secagem”.

Leão de Castro dizia: “o figo representa a base económica da maioria dos agricultores da Região de Torres Novas. A zona noroeste do distrito de Santarém, na média dos últimos dez anos, contribuiu com mais de metade da produção nacional.

A produção de aguardente de figo na região foi na campanha de 1973/1974 de 6 046 241 litros, sendo o consumo de 2 029 042 l; na campanha de 1974/1975,

6 746 230 e 1 128 295 litros respectivamente e na de 1977/1978, de 1 854 840 e de 1 380 000 litros. Nestes últimos anos foi entregue à A.G.A. (Administração Geral do Açúcar e do Álcool) a produção de 855366 hl de álcool etílico. No último ano a Região de Torres Novas produziu mais de 1 000 000 arrobas de figo seco.

O Alentejo poderia, com mais vantagem que Torres Novas, não digo rivalizar, mas concorrer com o Algarve na cultura da figueira, povoando com ela algumas das suas charnecas.

Não lhe falece calor nem secura da atmosfera, antes a tenha em demasia, para a formação do açúcar nos figos e secagem destes. Onde a secagem dos figos não seja praticável, a figueira, longe dos grandes centros de população, perde todo o valor cultural porque os figos maduros, não suportando longas viagens, têm de ser consumidos no lugar de produção“.

“Sotero (1982) afirmava: a figueira é sem dúvida, uma cultura de grande interesse desde que se empreguem variedades preferidas no consumo em fresco. No entanto, esta cultura teve grande recessão a partir do momento em que se ampliou a área de regadio no Algarve.

Hoje são poucos os pomares intensivos, como tal é uma cultura a fazer de novo, em moldes técnico-económicos mais aconselháveis.”

A produção de aguardente de figos é lucrativa, porque se queimam os figos de menor valia.

A aguardente de figo tem cheiro e sabor desagradáveis, o que a desvaloriza, mas pode obter-se “aguardente fina, quasi tão boa como a do vinho“, fazendo fermentar os figos em presença da levedura do vinho (*Sacharomyres ellipsoideus*). Recorrendo à mesma levedura, também se obtém “dos figos um vinho, se não bom, pelo menos muito aproveitável.”

Um outro produto da figueira que se reveste de interesse é o látex, em que um fermento péptico actua como se tratasse de papaina na cocção rápida da carne (amaciamento). Igualmente o leite de figueira fresco constitui um remédio popular para combater as verrugas (cravos), desde que aplicado todos os dias. Também são usados os figos secos para aliviar afecções da faringe, da laringe, da bexiga, dos rins; e têm muitas outras aplicações terapêuticas.

As folhas da figueira também têm aplicações terapêuticas, quando frescas devido ao látex. Servem também depois de secas de alimento ao gado bovino logo após a colheita dos figos.

As cinzas dos ramos queimados têm as suas aplicações na lexívia.

A madeira é branca, macia e atreita a fender ou rachar.

Segundo Theophrasto (séc. III a.C.), a madeira da figueira é facilmente encurvada e foi muito útil para fazer cadeiras de teatro, arcos, grinaldas e ornatos [Polunin *et al.* (1967)].

Como nota final é de destacar o curioso relato de uma tormenta que destróçou um navio português que navegava do Ruão para Espanha já com os mastros partidos e as velas rotas e em que o marinheiro Jorge Pires de Almada, ao sentir-se perdido, abriu uma arca donde sacou, não um rosário para devoção, mas uma talega de figos muito excelentes e do Algarve com mais de 16 libras ... e sentado ao seu lado com grande despreocupação e calma não deixou de engolir até que a despachou toda dizendo: “morra marta e morra farta” (Font-Quer, *l.c.*).

## Medronheiro

Vejam os que se passa com o medronheiro, quanto aos aspectos bio-ecológico e fitossociológico das suas ocorrências no País.

Malato-Beliz (1986) indica a presença do medronheiro como característica da ordem **Quercetalia ilicis**, e da classe **Quercetea ilicis** tanto em matos sobre solo calcário, em diversas localidades do barrocal Algarvio, como em certos casos da aliança **Quercion fagineo-suberis** em sobreirais e matos sobre xistos na área da serra do Caldeirão, já a norte da ribeira das Mercês(\*) .

O mesmo autor (1982) havia referido para a serra de Monchique a presença de medronheiro como característico das citadas ordem e classe na associação

---

(\*) - Por economia de espaço não são aqui indicados os autores e as datas da criação das designações das unidades fitossociológicas, pelo que se remete a atenção do leitor para: Referências bibliográficas.



**Sanguisorbo-Quercetum suberis** e na associação **Rusco hypophylli-Quercetum canariensis**(<sup>\*)</sup>, consideradas matas clímaxes que em sucessão regressiva dão origem aos medronhais da associação **Arbuto-Cistetum populifolii**.

A razão da dominância do medronheiro nas situações de exposição aos quadrantes de norte, ou de elevada humidade atmosférica, poderá encontrar-se na circunstância de ser uma espécie condensadora de nevoeiros e neblinas frequentes em tais superfícies, embora adaptada ao ambiente mediterrâneo, no que é bem secundada pela **Cistus populifolius**, sua companheira habitual.

Rivas-Martinez *et al.* (1990) rebaptizou o medronhal: a assoc. **Arbuto-Cistetum populifolii** para a assoc. **Phillyreo angustifoliae-Arbutetum unedonis** e consideram-na uma associação meso-mediterrânea e, em alguns casos, termomediterrânea, de ombroclima subhúmido-húmido-hiperhúmido com distribuição mediterrânea ocidental.

Os mesmos autores, ao descrever a vegetação natural no sopé ocidental da Serra de Espinhaço de Cão, próximo de Aljezur, referem duas associações em que o medronheiro é espécie característica, a assoc. **Myrto-Quercetum suberis** e a assoc. **Phillyreo-Arbutetum unedonis** em andar termomediterrâneo sub-húmido sobre saibros.

Ainda ao referir-se aos machiais (prebosques) e matas da Serra da Arrábida (Mata do Solitário) consideram o medronheiro uma espécie característica tanto da aliança **Querco-Oleion sylvestris** constante da assoc. **Viburno-tini-Quercetum cocciferae**, como da aliança **Quercion broteroi**, constante da assoc. **Arisaro-Quercetum broteroi** no andar bioclimático termo mediterrâneo subhúmido-húmido sobre calcários e dolomias.

Pedro (1991) observou o medronheiro como componente dos matagais das lombadas superiores da Serra da Arrábida (provavelmente da assoc. **Phillyreo angustifoliae-Arbutetum unedonis**), dos machiais mesófilos (pré-bosques) das

---

(<sup>\*)</sup> - A associação **Rusco-Quercetum canariensis** passou a designar-se por assoc. **Euphorbio monchiquensis-Quercetum canariensis**.

vertentes sombrias (umbrias) da assoc. *Viburno-tini-Quercetum cocciferae*, e das matas tanto dos carvalhais da assoc. *Arisaro-Quercetum broteroi*, em solos pardos florestais, como dos sobreirais da assoc. *Sanguisorbo hybridae-Quercetum suberis*, em solos mediterrâneos derivados de materiais siliciclásticos.

Myre (1983) assinala a presença de medronheiro nos carrascais do concelho de Almada, em diversos locais da extinta Reserva Paisagística entre Vila Nova da Caparica e o Alfeite, formações sob coberto arbóreo (sobreiros e pinheiros) que veio a considerar como fase de degradação de unidades subordinadas à ordem *Quercetalia ilicis* e à aliança *Quercion fagineae*.

Rivas-Martinez *et al.* (l. c.) referem-se ainda aos carvalhais da Serra de S. Mamede, da assoc. *Arbuta unedonis-Quercetum pyrenaicae*, mesomediterrâneos, húmidos, luso-extremadurenses.

Braun-Blanquet *et al.* (1956), quando tratam da vegetação natural do Centro de Portugal citam os velhos medronheiros do Buçaco com 15 m de altura e até 50 cm de diâmetro e definem-nos como uma espécie característica das *Quercetea ilicis* da aliança *Quercion occidentale* e diferenciada da subassoc. *Rusceto-Quercetum viburnetosum*.

Silva *et al.* (1980) descrevem os resíduos de azinhal na base das vertentes xistosas, o andar basal da Serra da Estrela, como “de acentuada influência mediterrânea” em cujo elenco florístico entra o medronheiro.

Mendonça & Vasconcellos (1961-1962) assinalam a presença do medronheiro na Região Duriense em diversas situações de clima ibero-mediterrâneo, com influências atlânticas ou orográficas subhúmidas.

Silva *et al.* (1950) indicam como dominante na Serra do Gerês a assoc. *Myrtilleto-Quercetum roboris* em que o medronheiro figura nos estratos arbóreo e arbustivo bem desenvolvidos dessas matas.

Barreto (1958) assinala a presença excepcional de uma população estreme de sobreiro na serra Amarela, freguesia de Ermida, com medronheiro e cita-o como componente dos carvalhais da assoc. *Rusceto-Quercetum roboris* ocorrentes na Serra da Peneda.

Serra & Carvalho (1989) afirmam que nela se “patenteia a influência do ele-

mento mediterrânico devido essencialmente à baixa altitude e à exposição abrigada dos ventos oceânicos”.

Quanto ao aspecto económico há a reter as seguintes informações:

Polunin *et al.* (1967) “Em parte da Córsega e Itália os frutos são usados para produzir uma destilação alcoólica; os frutos são comestíveis mas não muito saborosos; a palavra ‘unedo’ significa ‘come um’ o que quer dizer que um chega. As folhas e a casca são usadas medicinalmente. A madeira é usada em tornearia e produz um bom carvão. Na Grécia fazem flautas desta madeira”.

Polunin (1969) afirma: “Os frutos são comestíveis e usados na produção de vinho, licores e conservas. Os ramos e as folhas são usados para curtimenta”.

Font-Quer (1980) descreve: “A casca do medronheiro contém abundantes matérias tânicas (até 36%) pelo que se utiliza como curtume. As folhas e os raminhos jovens têm também a mesma percentagem de tanino e o glucósido do unedósido, que dá o unedol”.

Nos frutos quando bem maduros há mais de 10% de açúcar invertido, ácido málico e pectina. Estes frutos têm sabor farináceo, bastante insonso. Mais saborosos são os que, já passada a maturação, contêm álcool (até 0,5%).

Usam-se as folhas para combater as diarreias e as desinterias.

Em cozimento das folhas ou da casca é usado para aliviar a inflamação da bexiga, contra as cólicas nefríticas, a incontinência urinária, etc.

“Os frutos do medronheiro são comestíveis mas pouco agradáveis ao paladar, a não ser que se comam quando, mais que maduros, se amaciam e se tornam mais saborosos; mas não se comam em demasia, porque chegam a embriagar e produzem, segundo dizem, dor de cabeça. Dioscórides referia que em Espanha se comia muito deste fruto (no século XI) e que dele, pelo álcool “se fabricava um vinagre forte vermelho, na região de “Castillos del Norte”.

Entre nós e mormente no Algarve e muito especialmente na Serra de Monchique (áreas dos concelhos de Silves e Monchique), o medronheiro é uma importante componente da paisagem.

Do ponto de vista paisagístico o medronheiro pela sua aparência de “uma bela

arvorezinha com folhas lauróides e panículas de campainhas pendentes cremes” e as suas bagas vermelhas realçadas pelo intenso verde-reluzente da folhagem, tem um lugar de destaque, quer nos sub-bosques das matas, quer nos medronhais, quer ainda quando cultivado como ornamental em parques e jardins.

Voltando a Malato-Beliz (1982): “As formações de medronheiro (*Arbutus unedo* L.) representam seguramente a primeira fase de destruição dos sobreirais. Elas resultaram geralmente, como refere, por exemplo, Rivas-Goday (1959), da acção devastadora dos fogos, da sobrepastagem por cabras, e do corte de árvores, factores cuja acção nefasta se tem mantido desde há séculos, impedindo a reconstituição do bosque outrora dominante”.

“Estes medronhais ocupam, na terra, a maior parte da superfície coberta, sobretudo a vertente norte, até às cotas mais baixas. Aliás eles gozam na região de uma certa protecção consequência de estarem na origem da produção de aguardente de medronho, uma das suas mais típicas indústrias”.

“Claro que, como acontece na maioria dos casos e dos tipos de vegetação, a repetida ou continuada acção de agentes de degradação não só impede o arranque de uma sucessão progressiva, como agrava sucessivamente a destruição”.

“Tal asserção, quando referida concretamente aos medronhais, significa a passagem destes a matos de menor porte e termófilos, comumente dominados pelo *Cistus ladanifer* [a estêva] quando não até, em solos mais pedregosos e secos, pelo *Stauracanthus boivinii* [o tôjo gatum].

E adianta: “Mas tal acção destruidora que já foi muito grande, nada é se comparada com os efeitos nefastos de procedimentos mais recentes”.

O corte de árvores, a expansão urbano-turística, a exploração de granitos e, mais que tudo, a plantação de eucaliptos, têm constituído flagelos para os ecossistemas serranos.

## Referências bibliográficas

- Azevedo Gomes, M. de  
1926 Cultura da Figueira. *Diário do Governo* II.<sup>a</sup> Série nº 65 (19 de Março). Lisboa.
- Barreto, R. R. Dantas  
1958 Os carvalhais da Serra da Peneda - estudo fitossociológico. *Agron. Lusit.* 20: 83-152.
- Bobone, A. de L. Araújo  
1932 *Contribuição para o Estudo Taxonómico da Espécie Ficus Carica L.* Dissertação para o concurso de Professor Catedrático de Arboricultura e Horticultura do Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- Brotero, F. de Avellar  
1804 *Flora Lusitanica*. Typographia Regia. Lisboa
- Cavaco, Carminda  
1976 *O Algarve Oriental*. As vilas, o campo e o mar. Gab. de Planeamento da Região do Algarve. Faro.
- Coutinho, A. X. Pereira  
1939 *Flora de Portugal* (Plantas Vasculares). 2.<sup>a</sup> edição dirigida por R. T. Palhinha. Bertrand (Irmãos), Limitada. Lisboa.
- Fonseca, A. B. Moreira da  
1930 *Esboço taxonómico das variedades culturais da Ficus carica L.* Relat. final do Curso de Engenheiro-Agrónomo. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- Font-Quer, P.  
1980 *Plantas Medicinales*. El Dioscórides renovado. Editorial Labor, S.A. Barcelona.
- Franco, J. do Amaral  
1971 *Nova Flora de Portugal* (Continente e Açores) 1. Lisboa.  
1984 *Nova Flora de Portugal* (Continente e Açores) 2 . Lisboa.
- Gaussen, H.  
1936 Le choix des couleurs dans les cartes botaniques. *Bull. Soc. Bot. France* 83: 474-480. Paris.
- Grupo de Trabalho do Atlas do Ambiente (GTAA)  
1975/- *Atlas do Ambiente*. Escala 1/1000000, Comissão Nacional do Ambiente, Direcção-Geral do Ambiente (MARN). Lisboa.

- 1985 *Notícia Explicativa da Carta Agrícola e Florestal* - Grandes Grupos de Utilização do Solo. In *Atlas do Ambiente*. Comissão Nac. do Ambiente. Lisboa.
- Leão de Castro, R. A. Ponce de  
1983 *A Figueira na Região de Torres Novas*. Relat. de Estágio do Curso de Engenheiro-Agrónomo. ISA. Lisboa.
- Le Maout, E. & Decaisne, J.  
1870 *Flore Élémentaire des Jardins et des Champs*. Librairie Agricole de la Maison Rustique. Paris.
- Leotte, F. C. de Mello  
1901 *Arboricultura Algarvia: Figueira, Amendoeira e Alfarrobeira*. José António Rodrigues Ed. Lisboa.
- Malato-Beliz, J.  
1982 A Serra de Monchique. Flora e Vegetação. *Col. Parques Naturais* **10**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Lisboa.
- 1986 O Barrocal Algarvio. Flora e Vegetação da Amendoeira (Loulé). *Col. Parques Naturais* **17**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.
- Mendonça, F. A. & Vasconcellos, J. de C. e  
1961-1962 *Estudo Fitogeográfico da Região Duriense* **5**. Instituto do Vinho do Porto.
- Mouzinho, D. M. C. P.  
1984 Frutos secos no Algarve. Que Futuro? *Textos das Comunicações*. 3<sup>o</sup> Congresso sobre o Algarve. Raca Club. Silves.
- Myre, M.  
1983 Relatório do Reconhecimento Florístico e Fitossociológico da Reserva Paisagística de Almada. *Col. Parques Naturais* **12**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Lisboa.
- Pedro, J. Gomes  
1991 A Vegetação e a Flora da Arrábida. *Col. Natureza e Paisagem* **10**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.
- Pinto da Silva, A. R. & Teles, A. N.  
1980 A Flora e a Vegetação da Serra da Estrela. *Col. Parques Naturais* **7**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Património Paisagístico. Lisboa.
- Polunin, O.  
1969 *Flowers of Europe, a field guide*. Oxford University Press. London. New York. Toronto.

- Polunin, O. & Huxley, A.  
1967 *Flowers of Mediterranean*. Chatto & Windus. London.
- Polunin, O. & Smythies  
1978 *Flowers of South-West Europe, a field guide*. Oxford University Press. London. New York. Toronto.
- Rivas-Martinez, S.; Lousã, M.; Diaz, T. E.; Fernandez-Gonzales, F. & Costa, J. C.  
1990 La vegetación del sur de Portugal. *Itinera Geobotânica* **3**. Assoc. Española de Fitosociologia (AEFA). Madrid.
- Sampaio, Gonçalo  
1913 *Flora Portuguesa*. Dirigida por A. Pires de Lima. 3.<sup>a</sup> edição Fac. símile (1946-Porto). Instituto Nacional de Investig. Científica. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa.
- Serra, M.<sup>a</sup> da Graça Leitão & Carvalho, M.<sup>a</sup> de Lurdes Serpa  
1989 A Flora e a Vegetação do Parque Nac. da Peneda-Gerês. Contribuição para o Plano de Ordenamento desta Área Protegida. *Col. Natureza e Paisagem* **6**. Serv. Nac. de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa.
- Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário (SROA)  
1953/- *Carta Complementar da Carta Agrícola e Florestal de Portugal*. Escala 1:250 000 (não publicada). Secret. de Estado da Agricultura (M.E.). Lisboa.
- 1960/65 *Carta Agrícola e Florestal de Portugal*. Grandes Grupos de Utilização do Solo. Esc. 1:250 000 (3 folhas). Ministério da Economia. Secretaria de Estado do Ambiente. Lisboa.
- 1972/- *Carta Agrícola e Florestal de Portugal*. Esc. 1:250 000 (apenas publicada a folha 3) e a respectiva “Carta-Preparação”, 1: 25 000 (não publicada). Ministério da Economia. Secretaria de Estado da Agricultura. Lisboa.
- Silva, A. R. Pinto da; Rozeira, A. & Fontes, F.  
1950 Os Carvalhais da Serra do Gerês. Esboço fitossociológico. *Agron. Lusit.* **12**. Lisboa.
- Tutin, T. G.  
1964 *Flora Europaea* **1**:67. Cambridge University Press. Cambridge.
- Webb, D. A.  
1981 *Arbutus L.* in Tutin *et al.* *Flora Europaea* **3**. Cambridge University Press. Cambridge.
- Wettstein, R.  
1944 *Tratado de Botánica Sistemática*. Trad. 4.<sup>a</sup> ed. por P. Font-Quer. Editorial Labor. Barcelona.